



Fotos Públicas

Ainda que a produção não diminua mais em relação ao nível baixo de 2015, as empresas precisarão de menos mão de obra neste ano

À espera de soluções

Alguns dos grandes problemas que arrastaram o Brasil para uma das três piores crises da história da República não terão solução tão cedo

VINICIUS TORRES FREIRE

Vai ser difícil saber o que será de 2016 antes que 2015 acabe. Mas este ano não deve acabar antes de março do ano que vem. Talvez bem mais tarde. Essa piada triste quer dizer apenas que alguns dos grandes problemas que arrastaram o Brasil para uma das três piores crises da história da República não terão solução tão cedo.

Ainda que o governo de Dilma Rousseff tivesse um bom programa econômico, tal plano se torna inviável devido à crise política: a presidente tem escasso poder de decisão devido à falta de apoio no Congresso e à grande rejeição do eleitorado. Além do mais, a sociedade rejeita medidas necessárias, mas dolorosas, para atenuar a decadência econômica.

Apenas no final de fevereiro, provavelmente em março, começa a ser discutido o destino da presidente: se haverá processo de impeachment. Até lá, é improvável que a confiança de consumidores e empresários se recupere, que se

animem a comprar ou investir.

O cidadão comum tende a levar um choque no início do ano. A inflação ainda estará alta, em torno de 10% ao ano, como agora. As taxas de juros ainda devem subir mais, logo em janeiro. As contas extras do começo do ano pesarão mais sobre salários menores. Mesmo quem estiver empregado não deve ter confiança de gastar.

Ainda que a produção não diminua mais em relação ao nível baixo deste final de ano, as empresas precisarão de menos mão de obra. A taxa de desemprego deve aumentar (passar de 7% para 10,5%, na média do ano).

Medo do futuro, de dar e tomar empréstimos, menos empregos, salários menores, benefícios sociais menores, tudo isso deve reduzir o consumo pelo segundo ano consecutivo. Dado o encolhimento da economia e da incerteza sobre a política econômica, o investimento em novos negócios e instalações produtivas continuará a cair. A Petrobras, maior investidora do País, e as

empreiteiras, ainda estarão em crise; o governo ainda cortará seus gastos em obras.

A redução do investimento em novos negócios, máquinas e construções foi o maior fator de diminuição do PIB neste ano, que deve cair 3,5%. Em 2016, a queda do consumo das famílias deve ter peso maior na recessão, que deve ser de 2,5%. O contraponto a essas baixas será o comércio com o exterior. Com o dólar mais caro, os brasileiros gastam mais em produtos e serviços nacionais. A produção cresce um pouco por aí.

Caso fosse possível resolver logo a crise política e caso houvesse um programa econômico confiável, parte grande da crise evaporaria. O medo paralisante da falta de confiança no futuro transformou uma crise que seria apenas ruim no que vem sendo chamado de a "Grande Recessão" do Brasil.



REINALDO CAFELO

Economia: precisamos encontrar caminhos

Não obstante sempre ter adotado postura otimista na avaliação da economia nacional, notadamente por acreditar no potencial do mercado, não é possível projetar um ano de 2016 de recuperação da economia. Por sinal, o indicativo é que vai piorar antes de melhorar.

O alicerce desta projeção está na análise das variáveis da demanda agregada: consumo, investimentos, gastos do governo e setor externo. O modelo baseado em consumo se esgotou. Mesmo que o atual governo tente "ressuscitar" o modelo, não haverá contingente para alavancar o crescimento por esta via. A ascensão social das famílias, que migraram das classes D e E para a classe C (classe média) não se dá a todo momento. Por sinal, mais de 10 milhões de brasileiros estão fazendo exatamente o caminho de volta, ou seja, diminuindo seu padrão de vida, retornando as classes D e E. O endividamento familiar atingiu níveis preocupantes e boa parte da população, sem emprego, engrossa a fileira dos sem consumo. Renda em queda e carestia e crédito caro não estimulam o consumo, portanto, não esperemos nada por esta vertente.

Elevar os investimentos produtivos poderia ser a saída para a retomada do crescimento econômico, contudo, todas as esferas de governo e as estatais estão sem caixa para fomentar esta variável. O setor privado, por seu lado, encolheu. Mais de 60% das empresas não financeiras simplesmente não geraram excedentes para investir. O país teria que aplicar mais de 25% do Produto Interno Bruto (PIB) em investimentos produtivos e não passará dos 18% tanto em 2015 como em 2016. A recuperação da economia não virá por esta variável.

Os gastos do governo poderiam auxiliar no crescimento da economia, mas precisando resgatar a confiança dos agentes econômicos e

ainda combater a escalada da inflação, abrir os cofres públicos seria suicídio econômico, indo na contramão das reais necessidades do País, portanto, com queda na arrecadação, sendo obrigado a cortar na carne para controlar seus gastos, também não é possível esperar muita coisa por esta variável.

Desta maneira, a demanda agregada, que gera riqueza, dependerá basicamente do bom desempenho do setor externo brasileiro. O câmbio está favorável e o setor primário da economia poderá auxiliar na busca de superávit comercial. Contudo, dada a baixa representatividade das exportações no compilo do PIB, este possível bom desempenho não trará resultados na dimensão de nossas necessidades, isso sem contar que fazer comércio exterior depende da redução de custos, de produtos com valor agregado, com programa de substituição de importação e de driblar concorrentes internacionais.

Assim, pelo lado da demanda, com consumo em queda, investimentos em baixa, gastos públicos contidos e o setor externo incerto fica mais que evidenciado que a economia patinará, apresentando a indesejada dupla queda, ou seja, dois anos seguidos de recessão.

Isso tudo é confirmado quando analisamos a economia pelo lado da oferta agregada. Dos três setores da economia (primário, secundário e terciário) somente o setor primário, o agronegócio, poderá apresentar desempenho positivo. O setor industrial brasileiro agoniza, com perdas de mais de US\$ 300 bilhões nos últimos 10 anos. Há o que podemos denominar de desindustrialização em curso. O setor terciário, notadamente o comércio, depende do apetite do consumidor, e este está mais que cauteloso, conforme mencionado acima.

Resumo em 2016: estagflação, ou seja, recessão combinada com alta inflação e o crescente desemprego. Por sinal, enquanto a

inflação não estiver contida, o engessamento da economia continuará, e com ele se acentuará o desemprego.

Por isso afirmo: ainda irá piorar para melhorar. O ano de 2016 se apresenta como mais um ano perdido, isso tudo em ambiente político conturbado com ameaça de impeachment tanto na Presidência da República como na Presidência da Câmara dos Deputados.

Trazendo para o âmbito local, fica evidenciado que Bauru também terá um ano desafiador. Somente alguns segmentos do setor terciário é que manterão o nível de atividade, como são os casos que atuam nas áreas da saúde e recuperação de crédito, os demais ramos de atividade enfrentarão dificuldades, o que refletirá na arrecadação municipal, exigindo austeridade acima do praticado até agora.

O indicativo para todos nós é que sejamos capazes de, com estratégias bem definidas, usar de capacidade administrativa para encontrar os caminhos que permitam passar por este projetado cenário adverso, sem mais perdas. O "fazer mais com menos" continuará dando o tom na condução dos negócios, das finanças do lar e da gestão dos recursos públicos.

O que alivia é o fato de saber que a economia é cíclica e em determinado momento a recuperação virá. Também devemos considerar que o PIB vem caindo, mas não "zerou", portanto haverá riqueza a ser disputada. O desafio será suportar mais um ano de vacas magras com uma equipe econômica fraca e com crise política acentuada. Se o indicativo é que irá piorar para depois melhorar, redobre sua atenção em tudo.

O autor é economista e articulista do JC

PARA NÃO ESQUECER



Foi o dia em que o preço do dólar rompeu a barreira dos R\$ 4 desde o início da era do Real

AQUI E NA CHINA

Entre junho e agosto, ações chinesas sofreram queda de mais de 40%



A BESTA INFLÁVEL

Dragão simbolizando a ameaça de recessão é colocado em frente ao Congresso nacional pela Força Sindical